

**Bernadette Roberts**

**The Experience of No-Self**

**State University of New York Press, USA, 1992.**

**Tradução livre de Moacir Amaral**

## **Compêndio da Jornada**

**1**

O momento veio sem ser anunciado, sem ser reconhecido, era desconhecido; foi o momento em que entrei em um grande silêncio e nunca retornei. Além do portal do conhecido, a porta do eu foi fechada, mas a porta do Desconhecido foi aberta em uma visão fixa que não podia desviar o olhar. Impossibilitada de ver ou lembrar do eu ou estar consciente de si mesma, a mente estava restrita ao momento presente. Quanto mais tentava refletir sobre si mesma, mais o silêncio a sobrepujava.

**2**

Olhando firmemente para fora, para o Desconhecido, o silêncio diminuiu e o vazio do eu se tornou uma alegria. Mas a busca pelo centro divino ou ponto de repouso - Deus interior - revelou não apenas um vazio, mas dois, pois quando não há o eu, não há o Outro; sem um eu pessoal parece não haver um Deus pessoal, pois sem um sujeito, não pode haver um objeto. O ponto de repouso ou centro unitivo tinha desaparecido, levando consigo cada sentido de vida que o eu possuía - um eu que não podia mais ser sentido como existente. O que permaneceu não era conhecido. Não havia vida, não havia vontade, não havia energia, não havia sentimentos, não havia experiências, não havia interior, não havia vida espiritual nem psíquica. Ainda assim a vida estava presente, porque tudo o mais continuava como de costume.

**3**

Embora não pudesse ser localizado nem encontrado dentro de nenhum objeto da visão ou da mente, em algum lugar fora de casa a vida estava fluindo em paz, com confiança. Em um escarpado na beira do oceano a vida havia se revelado: a vida não está nas coisas; mas, todas as coisas estão na vida. Os muitos estão imersos no Um, mesmo aquilo que permanece quando não há eu está absorvido no Um. Não mais a distância entre eu e outro, tudo é agora sabido na proximidade desta identidade. Particularidades se dissolvem no Um, e objetos individuais saem de cena para revelar aquilo que é o mesmo em toda variedade e multiplicidade. Ver esta nova dimensão da vida é o presente de óculos maravilhosos através das quais Deus não é apenas visto em toda parte, mas visto como toda parte. Verdadeiramente, Deus é tudo o que existe - tudo, naturalmente, menos o eu.

**4**

Mas o que é que vê esta Unidade e sabe que vê? O olho que olha não é interior, não é da mente nem do corpo, não é do eu. Desconhecido e do lado de fora - primeiro como óculos, e depois, acima da cabeça - o olho era sabido existir, mas ele não podia ser visto nem ser olhado. Não se dissolvia na Unidade - o que via e o que era visto não eram idênticos. Mas um grande mistério ainda: o que permanecia na ausência do eu? O que era isso que caminhava e falava e se dava conta do olho na Unidade? Entre eles - não-eu, o olho, e a Unidade - nenhuma identidade podia ser encontrada.

## 5

Por um momento, a Unidade cresceu em uma intensidade esmagadora, extraindo-se de todas as partes, arrastando para dentro e destruindo tudo que existia, incluindo o olhar que via e aquilo que permanecia. Na fronteira da extinção o olhar vacilou e obscureceu-se; instantaneamente, aquilo que permanecia foi-se embora. Para sustentar a visão, para entrar nela, a luz do olhar não pode ir embora. De algum modo ela deve se tornar mais forte, mas que tipo de força é essa e como podia ser conseguida? Ainda havia algo por fazer - mas o quê? O não-eu é impotente; não tem força; não é a luz do olhar nem o próprio olho.

## 6

Nove meses se passaram antes que o olhar na Unidade se tornasse o olhar no nada. Sem aviso ou motivo, todas as particularidades se dissolveram em um nada absoluto. Naquele ponto, a mente chegou ao horrendo vazio da vida, o insidioso vazio da morte, e a deterioração suprimindo a vida de cada objeto da visão. Somente o eu pode escapar de tal visão porque somente o eu conhece o medo, e somente o medo pode produzir as armas de defesa. Sem um eu o único escape não é escape; o vazio deve ser encarado, venha o que vier. Na montanha, a epítome de tudo aquilo que é horrível e insano é confrontado; mas quem ou o quê contemplava esse terror, ou podia suportá-lo? Na ausência do eu, tudo o que permanecia era uma tranquilidade inalterável, um silêncio inexorável e indestrutível. Isto se transformaria, se abriria, ou iria permanecer? Isso não podia ser conhecido, imaginado nem mesmo esperado. O que tivesse que ser, seria.

## 7

A tranquilidade permaneceu, pois o nada não pode conhecer o medo ou o pavor. Ainda assim a flor selvagem se submeteu, desistiu, expandiu infinitamente para revelar uma intensidade que agora podia ser vista sem que o olho obscurecesse ou a luz fosse embora. O corpo se dissolve e se funde na tranquilidade do que permanece. Depois disso, o olhar não vê mais coisa alguma; em vez disso, ele pressiona a mente como um terrível capataz exigindo que ela "Veja!" A mente não pode mais focar em nada em particular nem em geral, ela não pode ver nada nem dentro nem fora. Está em um estado de completo não saber, um estado terrível e um Vestíbulo onde, por meses, a mente está fixada em um rígido agora a partir do qual ela não pode se mover e no qual não a nada para ver.

## 8

Neste Vestíbulo a verdadeira vida, não localizada e em lugar nenhum, se revela a si mesma como aquilo que permanece e não conhece a morte. É esta vida que continua apesar de não ver e de não saber, uma eterna vida que, estranhamente, não tem nenhum Deus como objeto de visão. Mas como pode a vida comum continuar sem as energias do eu e quando a verdadeira vida não dispõe de tais energias? Como é possível permanecer na carne e na mente ordinária quando nenhuma vida parece existir ali? A única resposta é o tempo - tempo para se acostumar, para se aclimatar, para aprender tudo de novo como viver esta nova vida. Para isso o eu está perdido, não pode fazer nada; a mente não sabe o como; e o corpo continua se dissolvendo.

## 9

Quando o ajustamento é feito - mal e mal - a jornada parece ter chegado ao fim. Primeiro, o vazio da existência se torna suportável; depois, ele passa a ser uma visão comum; e, finalmente, ele se torna tão óbvio que nem se nota mais, que nunca mais é visto novamente. Quando nada se apresenta para tomar seu lugar, então o vazio se torna tudo que é; e isto, finalmente, tem que ser aceito como a mais óbvia das verdades definitivas. Aqui pode ser visto claramente que toda a busca, a especulação, e a experiência de uma vida foi tem sido um gigantesco desperdício, uma “viagem da cabeça” de tamanhas proporções que somente uma mente inocente pode expor tal verdade: o fim é como o começo e entre um e outro é pura ilusão. O estado de não saber é permanente; desde que a mente possa sustentar-se sem nenhum conteúdo, não há nada mais que possa ser aprendido. Não haverá mais jornadas; esta é a última, o fim - um fim que é o nada absoluto.

## 10

Continuando o rio a correr, a partir do vazio sem forma vem a maior das maiores realidades - um simples sorriso. O sorriso em si mesmo, aquele que sorriu e aquele a quem o sorriso foi dirigido eram tão idênticos como a santíssima Trindade. O sorrir não é nem sujeito nem objeto, mas o ato e manifestação do que, de outra forma, é desconhecido e imanifesto; é a forma do que não tem forma, a Eterna Forma a partir da qual a multiplicidade de formas aparece e para a qual tudo finalmente retorna. A verdadeira natureza, então, do que permanece além do eu é a Eterna Forma - o ato e manifestação do sem forma e imanifesto. A mente relativa não pode sustentar esta verdade, não pode pegar, não pode transmitir, nem mesmo acreditar naquilo que se revelou a si mesmo. Esta identidade não pode nunca ser comunicada, pois é a coisa existente que não pode ser nem objetivada nem conhecida subjetivamente.

## 11

Mais tarde, após uma ausência de quatro meses, a Unidade reapareceu, mas não mais através de uma forma em particular. Mas o seu retorno chegou atrasado; algo tinha sido agora revelado, comparado ao qual, tudo o mais era apenas ilusão. Ainda assim, a mente queria olhar, ela tinha que olhar, e quando ela o fez, a Unidade desapareceu; mas instantaneamente a mente entendeu por quê. Entendeu que a Unidade – o que É ou Deus - não pode nunca ser objeto (ou sujeito) da visão porque é o próprio Ato de ver. Aqui o espaço entre sujeito e objeto do Olho vendo a si mesmo foi irrevogavelmente fechado; Deus não é nem o que vê nem o que é visto, mas “ver”. Após um longo caminho, a mente tinha finalmente chegado ao repouso e ao júbilo da sua própria compreensão. Agora estava pronta e preparada para tomar o seu lugar de direito na proximidade e na natureza prática do agora. Não haverá mais procura, não há mais necessidade da mente conhecer, o que ela agora sabe é muito além de si mesma. Neste não saber a mente se contenta de viver para sempre.

## 12

E ainda um novo período de aclimatação, de ajustamento à vida não relativa além do Vestíbulo. Então, justamente como o eu tinha uma vez desaparecido no silêncio, assim também, o silêncio e a tranquilidade do não-eu desapareceu para além do reconhecimento. A jornada – suas experiências, insights, e métodos de aprendizagem - tinha sido apenas o meio de transição da velha para a nova vida, de um meio relativo para um meio não relativo de conhecer e ver. Estava tudo terminado agora; além do relacional, o Olho vendo a si mesmo é tão continuamente novo que o agora nunca é o mesmo. Desde que o eternamente novo é a sua essência, a jornada segue em frente, continuamente.